



AS INTENSAS RELAÇÕES NA INFÂNCIA

Por que será tão difícil para o adulto perceber, logo no começo, as dificuldades de relacionamento e as agressões entre as crianças? O que nos deixa cegos frente a essas atitudes?

Quando conseguimos nomear como agressividade, como bullying essa forma violenta de se relacionar com outros, muitas vezes, já está configurada uma conduta de comportamento que comprometeu as relações e, invariavelmente, fez com que as crianças e jovens chegassem a um ponto insustentável.

Bom, o que podemos perceber é que a escola, por ser um ambiente coletivo, social, é um campo fértil e potente para que crianças e jovens escolham formas intensas de se colocarem, afirmarem ideias, conquistarem espaços, imporem seus desejos. O que acontece, justamente por ser intenso, é que essas formas podem ser, muitas vezes, desrespeitosas.

Minha hipótese sobre essa dificuldade de localizarmos as formas rudes de relacionamento é por conta das concepções de infância que temos. Muito por nossa ideia de que a infância é só um lugar para a descoberta, curiosidade, pureza, inocência. Palavras que são facilmente associadas à infância, mas apenas a uma infância idealizada. Jamais admitimos a possibilidade de existirem infâncias mais cruéis, mais distantes da ideia de bem, de bom.

Por isso, quando olhamos para as crianças que estão ali, no meio de suas relações sociais, as enxergamos por essa máscara estereotipada de infância.

A infância é um lugar de atravessamentos e de potências de vida. É uma geografia afirmativa das múltiplas possibilidades de ser e estar no mundo. Um mundo que é também de disputa, um mundo de negações, de negociações, um mundo de angústias, de incertezas. As crianças experimentam as relações, os espaços e os outros de forma quase antropofágica. Preciso tomar o outro para entendê-lo. Para me identificar. Nego o outro para me encontrar, diferenciar-me dele.

Por isso é comum vermos os pequenos manterem esse contato mais corporal uns com os outros. Por isso é que os vemos tomarem o corpo do outro para si e, literalmente, devorarem-no.

O adulto deveria se abrir a essas formas de relação. Deveria ajudar as crianças a atravessarem esses espaços e mostrar a elas formas mais generosas de sermos e estarmos no mundo. Deveria mostrar que é muito melhor estarmos em um meio agregador, afetuoso. Ao invés de, simplesmente, terem somente uma intervenção punitiva, autoritária, moralizante.

Certa vez, ainda quando era professor de crianças de quatro anos, tive de fazer uma intervenção com um menino. Fiquei bravo com ele, pois batia nos demais para conseguir o que



queria. Situação normal e corriqueira em escola. Ele me olhou como se fosse me bater. Percebendo isso, disse-lhe que entendia o desejo de me bater. Era livre para sentir isso, mas que não deveria fazer, pois perderia a razão. Essa atitude o ajudou a entender que existe uma fronteira entre aquilo que desejamos e o que podemos realizar. Isso o confortou. Deu-lhe segurança para elaborar essa vontade de agredir o outro, livrando-se, teoricamente, de um problema, de uma situação difícil.

O adulto deve ser aquele que ajuda a criança a atravessar suas questões, a evidenciar as fronteiras e limites, a ajudar a costurar vontades individuais às vontades da coletividade.

Isso é afeto, importância, colo, educação. Então, estar ao lado da criança, entendendo os seus desejos mais sombrios e garantindo espaço para que eles sejam sentidos, mas não realizados, seria uma forma interessante de abandonarmos essa máscara da infância ideal que nos cega em relação às singularidades infantis.

Por outro lado, também importante, é deixarmos um espaço para que as crianças se coloquem diante do mundo. Muitas vezes, por conta do medo que essa palavra bullying carrega, acabamos privando crianças pequenas das riquezas de alguns pequenos e importantes conflitos. Tais conflitos são fundamentais para que as crianças comecem a criar meios de resolverem suas questões. Se o adulto estiver ao lado dessa criança, poderá pontuar as melhores formas de resolver os seus problemas, sem ela ter de partir para agressões. Aliás, anteciparmo-nos à emoção que leva à pele o desejo de agredir o outro é o grande desafio. **Mostrar que se defender é importante, mas que há diferença entre se defender e revidar.**

Excesso e falta de zelo são prejudiciais para qualquer indivíduo. O sentimento que abafa a singularidade e o sentimento que a abandona são desfavoráveis para a pessoa que quer estar e fazer parte desse mundo.

Pai, mãe, se há esses personagens na família, são os responsáveis principais na condução desse modo de se relacionar. Criança e jovem precisam sentir a presença. A qualidade da presença. Que vem do olhar, do gesto, do colo, de uma palavra. Não vem com presentes e outros subterfúgios. Gente gosta de gente. Acolhida! É por isso que estamos nesse mundo: sermos acolhidos e darmos acolhimento!